

NENHUM "CHOQUE DAS CIVILIZAÇÕES": UMA ANÁLISE DAS GEOGRAFIAS IMAGINATIVAS NA MÍDIA IMPRESSA ÁRABE APÓS OS ATENTADOS DE 11 DE SETEMBRO DE 2001

Shadia Hussein de Araújo*

Universidade de Brasília

Resumo: Enquanto existem muitos estudos sobre a reprodução da teoria do "choque das civilizações" e do "mundo islâmico" como o "outro" do Ocidente em mídias ocidentais após os atentados de 11 de setembro de 2001, são extremamente escassos aqueles que analisam a presença dessa teoria nas mídias árabes. Quais são os discursos geopolíticos (re)produzidos nessas mídias com o objetivo de enquadrar e explicar os atentados? Qual é o papel da teoria do "choque das civilizações" e das representações do Ocidente que se manifestam nesse contexto? Este artigo procura responder essas perguntas a partir de uma perspectiva da geopolítica crítica, valendo-se do conceito de "geografias imaginativas". Os principais jornais transnacionais árabes, al-Hayat, al-Quds al-Arabi e Asharq Al-Awsat, constituem o exemplo empírico. Este artigo mostra que a teoria do "choque das civilizações" – por sua vez duplamente assentada em regionalizações geográficas tradicionais e em uma construção binária entre Ocidente e mundo islâmico – é rejeitada nos jornais analisados. Em vez de se apoiar nessa teoria, os acontecimentos de 11 de setembro de 2001 e os atentados terroristas nos anos seguintes, bem como as geografias imaginativas do Ocidente reproduzidas nesse contexto, são enquadrados e formados por meio de um discurso multifacetado e profundamente pós-colonial.

Palavras-chave: Geografias imaginativas. Geopolítica crítica. Mídia impressa árabe. Crítica pós-colonial.

NO "CLASH OF CIVILIZATIONS": AN ANALYSIS OF IMAGINATIVE GEOGRAPHIES IN ARAB PRINT MEDIA AFTER 9/11

Abstract: While many studies analyse the reproduction of the "clash of civilizations" theory and the "Islamic world" as the West's "other" in Western media after 9/11, there are only few works dedicated to Arab media. What are the geopolitical discourses (re)produced in Arab media framing and explaining the attacks? What is the role of the "clash of civilizations" theory and the representations of the West in this context? This paper addresses these questions from the perspective of critical geopolitics using the concept of "imaginative geographies". The transnational Arab newspapers al-Hayat, al-Quds al-Arabi e Asharq Al-Awsat serve as the empirical example. I argue that the theory of the "clash of civilizations" – which is based on traditional geographical regionalisations and a binary construction between the West and the Islamic world – is rejected in the analysed newspapers. Instead, 9/11 and other terrorist attacks in the subsequent years as well as the imaginative geographies of the West reproduced in this context are based on a multifaceted and profoundly post-colonial discourse.

Keywords: Imaginative Geographies. Critical Geopolitics. Arab Print Media. Postcolonial Critique.

AUCUN "CHOC DES CIVILISATIONS": UNE ANALYSE DES GEOGRAPHIES IMAGINAIRES DANS LES MEDIAS ARABES IMPRIMES APRES LES ATTENTATS DU 11 SEPTEMBRE 2001

Resumé: Bien que de nombreuses études analysent la reproduction de la théorie du "choc des civilisations" et du "monde islamique" comme "l'autre" de l'Occident dans les médias occidentaux après les attentats du 11 septembre 2001, il y a peu de travaux consacrés aux médias arabes. Quels sont les discours géopolitiques (re)produits dans ces médias pour contextualiser et expliquer les attaques ? Quels sont les rôles de la théorie du "choc des civilisations" et de la représentation de l'Occident dans ce contexte ? Cet article tente de répondre à ces questions dans une perspective de géopolitique critique, en utilisant le concept de "géographies imaginaires". Les principaux journaux transnationaux arabes, al-Hayat, al-Quds al-Arabi e Asharq Al-Awsat sont le matériau de l'enquête. Cet article montre que la théorie du "choc des civilisations" – elle-même basée sur les régionalisations géographiques traditionnelles et la construction opposant Occident et monde islamique – est rejetée dans les journaux analysés. Au lieu de cela, les événements du 11 septembre 2001 comme les attentats terroristes des années suivantes, ainsi que les géographies imaginaires de l'Occident reproduites dans ce contexte, sont façonnés par un discours à multiples facettes, profondément post-colonial.

Mots-clés: Géographies Imaginaires. Géopolitique Critique. Médias Imprimés Arabes. Critique Postcoloniale.

Introdução

“Fé e família, sangue e crença são as ideias com as quais as pessoas se identificam e pelas quais elas irão lutar e morrer. E é por isso que o choque das civilizações está substituindo a Guerra Fria como o fenômeno central da política global” (HUNTINGTON, 1993b, p. 190; cf. também HUNTINGTON, 1993a)¹. Essa tese, difundida inicialmente na década de 1990, é de autoria do cientista político e professor da Universidade de Harvard Samuel P. Huntington (1927-2008)². Segundo o autor, os grandes conflitos da era pós-Guerra Fria não seriam travados entre Estados, mas entre civilizações mundiais, de forma que o mundo islâmico se tornaria a maior ameaça para o Ocidente. Contudo, a tese de Huntington não recebeu muita atenção no momento em que foi formulada. No entanto, após os ataques terroristas ocorridos no dia 11 de setembro de 2001 nas cidades de Nova York e Washington, as ideias de Huntington tornaram-se, rapidamente, um lugar-comum, sobretudo por fornecerem um padrão simplificado de explicação para os eventos recentes. Poucas semanas depois dos ataques, a obra *O choque das civilizações e a mudança na ordem mundial*, publicada em 1996, encontrava-se esgotada em vários países. A reação do mercado editorial foi imediata: novas reimpressões e traduções foram disponibilizadas em larga escala.

O sucesso da tese de Samuel P. Huntington não se explica simplesmente pela sua capacidade de interpretar acontecimentos, como, por exemplo, os ataques ocorridos no dia 11 de setembro de 2001, outros atentados terroristas ou mesmo o processo de formação do chamado Estado Islâmico. Segundo o geógrafo Paul Reuber (2009), as ideias de Huntington foram rápida e convincentemente difundidas por se assentarem sobre discursos acadêmicos tradicionais, familiares e largamente aceitos, tais como o antigo e poderoso orientalismo das ciências modernas (SAID, 2009 [1978]) e as poderosas regionalizações da geografia produzidas no início do século XX por geógrafos como Alfred Hettner, em *Der Gang der Kulturen über die Erde* (A marcha das culturas sobre a Terra) (1923), Heinrich Schmitthenner, em *Lebensräume im Kampf der Kulturen* (Espaços vitais no conflito entre as culturas) (1938), Ellsworth Huntington, em *Mainsprings of civilization* (Forças motrizes da civilização) (1945), ou, mais tarde, Albert Kolb, em *Die Geographie und die Kulturerdteile* (A geografia e as regiões mundiais cultu-

rais) (1962). Assim, como Reuber afirmou, “Huntington [...] deu apenas nova vida a um discurso subjacente de diferença cultural que se desenvolveu ao longo de mais de dois séculos. Ele atualizou o mapeamento discursivo do si e do outro a partir da perspectiva do Ocidente ‘moderno’”³ (REUBER, 2009, p. 448).

A teoria do “choque das civilizações” foi discutida de maneira extremamente controversa (REUBER; WOLKERSDORFER, 2004). Mas, apesar das controvérsias, essa teoria tem sido frequentemente reproduzida em mídias ocidentais⁴, sobretudo com o objetivo de explicar as notícias sobre os ataques cometidos por terroristas no Ocidente em nome da religião islâmica: sejam os ataques ocorridos nos Estados Unidos em setembro de 2001, em Madri no ano de 2004, ou em Londres em 2005. Em parte, essa mesma lógica foi igualmente operada nos relatos veiculados pela mídia sobre os ataques mais recentes ocorridos nas cidades de Paris (2015) e Bruxelas (2016). O problema e o perigo associados à reprodução discursiva de tais teorias geopolíticas pela mídia de massa é que elas legitimam publicamente políticas como a chamada “guerra contra o terrorismo” – inclusive as guerras, invasões e ocupações do Afeganistão e do Iraque –, a manutenção de prisões como Guantánamo e Abu Ghraib, declarações de estados de emergência (e, com isso, restrições à liberdade de circulação, de expressão e de manifestação), além de potencialmente estimularem a xenofobia, o racismo e a islamofobia, sobretudo em contextos comunitários nos quais árabes e muçulmanos representam uma parcela minoritária da população (STEUER; WILLS, 2010; REUBER; STRÜVER, 2009; STRÜVER, 2008; SAEED 2007; REUBER; WOLKERSDORFER, 2004).

Ao longo dos últimos 15 anos, publicou-se um número razoável de estudos sobre os discursos geopolíticos e as representações do mundo islâmico tanto em mídias ocidentais quanto em mídias brasileiras após os atentados de 11 de setembro 2001. Parte desses estudos destaca as imagens produzidas por tais discursos geopolíticos que apresentam o mundo islâmico como o “outro” do Ocidente; “outro” este que se vê ora reduzido a estereótipos, ora associado a atributos como o terrorismo, a violência e a barbárie (são exemplos de análises da mídia brasileira: BARION; PECHULA, 2015; FERREIRA, 2015; ARAÚJO; FONSECA, 2014; BECARI; FREITAS, 2013; PORTO, 2012; CASTRO, 2007; BROTAS, 2006; LOPES; FABRÍCIO, 2005; STEINBERGER-ELIAS, 2005; a produção de estudos relacionados à mídia europeia e estadunidense é enorme, motivo pelo qual se apresenta, aqui, apenas alguns exemplos mais significativos: ALSULTANY, 2012; POWELL, 2011; STEUER; WILLS, 2010; SAEED, 2007;

¹No original: “Faith and family, blood and belief, are what people identify with and what they will fight and die for. And this is why the clash of civilizations is replacing the Cold War as the central phenomenon of global politics” (HUNTINGTON, 1993b, p. 190). Todas as citações dos textos publicados em língua estrangeira foram traduzidas pela autora deste artigo.

²Huntington lecionou na Universidade de Harvard por mais de 50 anos. Entre os cargos que ocupou nesta universidade, destacam-se a Albert J. Weatherhead III University Professorship, a diretoria do John-M. Olin-Institute for Strategic Studies, assim como também a presidência da Harvard Academy for International and Area Studies in the Center for International Affairs. Além de publicar análises sobre conflitos nacionais e internacionais, Huntington era consultor dos mais importantes *policy makers* dos Estados Unidos, sendo influente, sobretudo, nos círculos politicamente mais conservadores.

³No original: “Huntington was not solely responsible for this. He only gave new life to an underlying discourse of cultural difference that had developed over more than two centuries. Huntington updated the discursive mapping of the self and the other from the perspective of the ‘modern’ West”.

⁴O termo “mídias ocidentais” se refere aqui, de acordo com a bibliografia secundária citada, em primeiro lugar a veículos midiáticos estadunidenses e europeus.

SHADID, 2005). Nesse sentido, algumas análises destacam a presença explícita da teoria do "choque das civilizações" de Samuel Huntington em discursos midiáticos ocidentais com o objetivo de enquadrar e explicar os atentados terroristas (cf. REUBER; STRÜVER, 2009; SEIB, 2005; ABRAHAMIAN, 2003).

Ao observar a ampla difusão da teoria do "choque das civilizações" de Huntington após os acontecimentos de 11 de setembro, estudiosos de várias áreas (sobretudo historiadores, orientalistas e politólogos) chamaram atenção para o fato de que a teoria do "choque das civilizações" tem sido propagada por islamistas radicais⁵, com sinais opostos de bem e de mal, desde a década de 1970. Como afirma o orientalista Martin Forstner, "foram e são defendidas teses que deixam parecer Samuel Huntington, com o seu *Clash of Civilizations*, bem atrasado"⁶ (FORSTNER, 2001, p. 76). As pesquisas mostram que, nos discursos islamistas, "o Ocidente" é declarado como o inimigo do "si" e que esse enquadramento do conflito entre o Ocidente e o mundo islâmico assemelha-se fortemente à teoria de Huntington (cf. ALLAM, 2004; FORSTNER, 2001; consulte-se também ABDELNASSER, 2000; ROTTER, 1996, entre outros). O imaginário islamista, segundo esses estudiosos, conceberia "o Ocidente" em termos de descrença e imoralidade, caracterizando-se o "outro" do "si" por propagar uma sensação de superioridade, ao mesmo tempo em que se encontra demasiadamente apegado a questões de ordem material, afastando-se, portanto, da religião e do conhecimento de Deus. Assim, o Ocidente constituiria uma ameaça aos valores do mundo islâmico, motivo pelo qual deveria ser combatido (ROTTER, 1996).

Enquanto existem muitos estudos sobre a teoria do "choque das civilizações" produzida por islamistas radicais, assim como também sobre os discursos geopolíticos veiculados em mídias ocidentais após os atentados de 11 de setembro (veja acima), ainda são escassos os estudos que analisam os discursos geopolíticos veiculados na mídia de massa árabe. Análises desse tipo são relevantes, uma vez que a maioria da população árabe e muçulmana não se identifica com vertentes islamistas radicais (cf. HIRJI, 2010). Ao mesmo tempo, essa maioria não ganha muita visibilidade nos estudos geopolíticos. Este artigo procura, portanto, preencher essa lacuna de pesquisa. Quais são os discursos geopolíticos (re)produzidos na mídia árabe para explicar os acontecimentos de 11 de setembro de 2001? Qual é o papel da teoria do

"choque das civilizações" de Huntington e/ou de suas versões islamistas? Quais são as representações do Ocidente que se manifestam nesses discursos? Antes de apresentar uma primeira resposta para essas perguntas, segue, no próximo item, a contextualização da pesquisa na área da geografia humana, bem como uma breve descrição da abordagem teórica e metódica deste artigo, nomeadamente: a geopolítica crítica.

Teoria e método: uma abordagem da geopolítica crítica

A geopolítica crítica (*critical geopolitics*) foi desenvolvida, sobretudo, no contexto da geografia anglófona, e conta com uma crescente presença no mundo acadêmico brasileiro e latino-americano (cf. CONORADO, 2010; CONTINI, 2009; CAIRO, 2008; ARAVENA, 2007; CRUZAT, 2007; GALLARDO, 2007). A ideia inicial dos pioneiros dessa vertente era fazer, em primeiro lugar, uma profunda crítica a várias tradições do pensamento geopolítico e, em segundo lugar, uma reconceitualização da geopolítica como discursos poderosos que contribuem para a construção de (novas) ordens mundiais (entre os autores-chave: Ó TUATHAIL; AGNEW, 1992; Ó TUATHAIL, 1996; Ó TUATHAIL; DALBY, 1998; DODDS; SIDAWAY, 1994, fornecem uma visão geral sobre o surgimento dessa vertente crítica, enquanto que DALBY, 2008; SHARP, 2009; DODDS et al., 2013, contribuem para uma discussão sobre os problemas, os desenvolvimentos recentes e a atualidade da geopolítica crítica). Enraizada na geografia pós-estruturalista, a geopolítica crítica preocupa-se, particularmente, com a atuação, a regulação e a contestação de discursos geopolíticos, bem como ainda de seus efeitos, produzidos em níveis sociais diferentes. Estes incluem o Estado, as elites políticas e econômicas, os intelectuais e acadêmicos, os *intellectuals of statecraft*, os *think tanks*, assim como também os diferentes níveis da produção cultural (p. ex.: mídia de comunicação de massa, filmes, livros, revistas ou música) e os diversos planos da vida cotidiana. A orientação pós-estruturalista parte do pressuposto de que conhecimentos geopolíticos são necessariamente parciais e contextualizados, e surgem a partir de posições discursivas específicas. Assim, práticas geopolíticas resultam de constelações complexas de ideias e discursos geopolíticos concorrentes que, por sua vez, são dinâmicos e, como tal, alteram-se constantemente (DODDS et al., 2013).

O conceito teórico: geografias imaginativas

Entre os fundamentos teóricos mais importantes da geopolítica crítica pós-estruturalista encontram-se a teoria do discurso de Michel Foucault (2013 [1971]), bem como o conceito de geografia imaginativa de Edward

⁵O termo "islamistas" (em árabe: *islamiyyūn*) se refere aqui aos representantes do chamado "Islamismo" ou "Islã político", que, por sua vez, são termos relativamente recentes usados para denominar discursos e atividades em larga escala de indivíduos e organizações que se dedicam à transformação de Estado(s) e sociedade(s) de acordo com as "leis islâmicas". O termo "radical" se refere aqui sobretudo às vertentes mais rígidas do Islamismo. Algumas dessas vertentes *inter alia* propõem, como cura de todos os males da modernidade ocidental, o retorno às raízes das sociedades islâmicas, ou seja, ao sistema do Califado dos primeiros califas (632-661) (cf. ETIENNE, 1987).

⁶No original: "Es werden und wurden Thesen vertreten, die Samuel Huntington mit seinem *Clash of Civilizations* als verspätet erscheinen lassen" (FORSTNER, 2001, p. 76).

Said (2009 [1978]) (como elaborado detalhadamente em DODDS; SIDAWAY, 1994). Esses fundamentos teóricos e conceituais constituem a abordagem teórica principal deste estudo. Assim, geografias imaginativas podem ser entendidas como construções espaciais discursivas e poderosas que produzem identidades geopolíticas de “si” e do “outro”. O poder das geografias imaginativas se manifesta *inter alia* na possibilidade de legitimar determinadas posturas, práticas e medidas políticas. Nesse sentido, Said mostrou como o Oriente foi produzido discursivamente pelas sociedades europeias como um espaço atrasado e incompetente para gerir o seu próprio desenvolvimento. Trata-se de uma geografia imaginativa que, por fim, acabou por legitimar o colonialismo europeu que prometia levar o desenvolvimento, a modernidade e a competência técnico-burocrática europeias para o Oriente (Said 2009 [1978]). Essa mesma lógica fundamenta diversos casos de operacionalização instrumental da teoria do “choque das civilizações” de Samuel P. Huntington e de sua construção discursiva do mundo islâmico, casos estes que são difundidos com o objetivo de legitimar as intervenções militares no Afeganistão, no Iraque e em outras regiões no contexto da chamada “guerra contra o terrorismo” (REUBER; STRÜVER, 2009; REUBER; WOLKERSDORFER, 2004).

As instâncias centrais de divulgação e de fortalecimento de geografias imaginativas em discursos públicos são os meios de comunicação de massa. De acordo com o sociólogo alemão Niklas Luhmann, “tudo o que sabemos sobre a nossa sociedade, tudo o que sabemos sobre o mundo em que vivemos, sabemos por meio das mídias de massa”⁷ (2000, p. 2). Levando-se em consideração as ideias de Said, as linhas teóricas que se voltam especialmente para os discursos veiculados nas mídias de massa passam a deixar claro que as “geografias imaginativas” têm um papel específico nesse contexto, qual seja: apresentar uma perspectiva geográfica a partir da qual é possível explicar e interpretar notícias veiculadas na grande mídia e, assim, fornecer orientações – sobretudo de caráter geopolítico – para o grande público. Essa função específica das “geografias imaginativas” exige que elas sejam construções simples, rapidamente compreensíveis pelo público-alvo da mídia de massa. Consequentemente, as geografias imaginativas produzem e reproduzem estereótipos de “si” e do “outro”, de aliados e de inimigos geopolíticos. Dessa maneira são construídas as imagens que representam, para nós, a suposta realidade do “outro” (sobre o conceito de geografia imaginativa no contexto das mídias de massa, consulte-se HUSSEINI DE ARAÚJO, 2011, p. 76-87).

O corpus documental e os procedimentos de análise

Edward Said desenvolveu o conceito de geografia imaginativa a partir das construções ocidentais do Oriente. Este artigo, no entanto, pretende inverter a direção da análise proposta por Said, ou seja: aqui, serão estudadas as construções do Ocidente a partir de uma perspectiva “árabe-islâmica”. Para tanto, serão analisados os três principais jornais da imprensa transnacional (ou transregional) árabe, a saber: os veículos al-Hayat, al-Quds al-Arabi e Asharq Al-Awsat. A escolha se justifica pelo fato de que todos esses três veículos de comunicação apresentam uma ampla variedade de opiniões e direções políticas distintas (islâmica, islamista, secular, esquerda, direita, liberal etc.) e, como mídias transnacionais que têm as suas sedes em Londres (Reino Unido) e escritórios localizados dentro e fora dos países árabes, não são afetadas por censuras temporárias por parte de governos árabes específicos. É evidente que os jornais analisados representam apenas uma parcela pequena da mídia árabe. No entanto, devido ao seu alto padrão de qualidade, a boa reputação de que gozam, o amplo espectro de opinião que representam e o fato de que eles são lidos em quase todos os países árabes, bem como pela diáspora árabe, são periódicos que exercem forte influência em todo o sistema da mídia árabe. Os temas e as abordagens que neles são veiculados passam a ser difundidos em outros meios de comunicação, de forma a atingir os mais variados setores da sociedade (ROGLER, 2004; GHAREEB, 2000; ALTERMANN, 1998). Como, dentre eles, o jornal al-Hayat pode ser considerado como o veículo mais aberto – ao conceder mais espaço para a discussão sociopolítica –, o foco principal deste trabalho incide sobre esse jornal.

A análise se concentra principalmente sobre as rubricas de opinião dos três jornais, uma vez que é sobretudo nos textos publicados sob essa rubrica que discursos geopolíticos se manifestam mais clara e detalhadamente. Foram examinados no jornal al-Hayat as rubricas *ra'y* (opinião), *afkār* (ideias), *tiyārāt* (fluxos), e nos jornais Asharq Al-Awsat e al-Quds al-Arabi a rubrica *ra'y* (opinião). O período da análise se estende entre os anos de 2001 e 2006, de modo a cobrir os eventos midiáticos para os quais a teoria de Samuel Huntington serviu constantemente como um padrão geopolítico explicativo nos discursos midiáticos ocidentais. Vale lembrar que o dia 9 de setembro de 2001 tem sido interpretado como uma censura que, em termos de geopolítica internacional, alçou a teoria do “choque das civilizações” a um padrão de explicação hegemônico (cf. POPPE et al., 2009). Nos anos seguintes, essa teoria foi reproduzida de forma a enquadrar outros eventos, dentre eles os ataques motivados por terroristas islamistas na Europa (como em Madri, no ano de 2004, e em Londres, em 2005), as guerras contra o Afeganistão em 2001 e contra o Iraque em 2003, os de-

⁷No original: “Whatever we know about our society, or indeed about the world in which we live, we know through the mass media”.

bates sobre a proibição do véu e dos minaretes na Europa, o programa nuclear iraniano ou ainda o conflito sobre as charges do profeta Muhammad no início de 2006.

O *corpus* analisado foi constituído por todos os artigos publicados nas rubricas dos jornais selecionados e no período acima delimitado e que incluem o termo "Ocidente" (*gharb*) (ou uma das suas derivações) e/ou o termo "choque das civilizações" (*ṣirār al-ḥaḍārāt*) em seu título. Observando-se esses parâmetros, 247 artigos foram analisados de maneira qualitativa, baseando-se em um processo aberto de codificação (GLASZE et al., 2009). Os *codes*, que por sua vez se referem a geografias imaginativas específicas que se manifestam nos textos, foram definidos indutivamente, seguindo o princípio do máximo contraste (KELLER, 2004, p. 88), de forma a assegurar que o amplo espectro de diferentes geografias imaginativas pudesse ser investigado. Neste artigo, serão apresentadas as geografias imaginativas que surgem com maior frequência no *corpus* analisado. Para oferecer um entendimento mais profundo das geografias imaginativas reveladas nos termos de construções discursivas que possuem uma genealogia própria, elas serão aqui interpretadas à luz da bibliografia fundamental sobre a história dos povos árabes (HOURANI; RUTHVEN, 2010; SCHÖLCH, 2001), sobre o pensamento árabe e islâmico (KASSAB, 2009; BOULLATA, 1990; SHARABI, 1970; HOURANI, 1962), bem como a partir de obras centrais da teoria pós-colonial (p. ex.: CHAKRABARTY, 2008; HALL, 1996; SAID, 2009 [1978]). Nas páginas que seguem, todas as citações dos artigos publicados nos jornais analisados foram traduzidas da língua árabe para o português pela autora. Os nomes dos autores dos jornais encontram-se transcritos de acordo com o sistema adotado pela *Encyclopaedia of Islam* (BEARMAN et al., 1960-2005), assim como também é o caso das palavras árabes citadas neste artigo. Respeitaram-se as opções de transcrição adotadas pelos jornais para apresentar o nome dos periódicos aqui estudados.

Reflexão crítica

A abordagem metódica proposta neste artigo apresenta duas limitações significativas. A primeira diz respeito à limitação do *corpus*, não somente em relação aos veículos, que representam apenas uma parcela reduzida do sistema da mídia árabe, mas também em relação ao período de análise. Desde 2006, ano que marca o fim do período de análise da pesquisa, os discursos geopolíticos internacionais têm mudado, e muitos eventos midiáticos certamente passaram a ser abordados por meio de novas geografias imaginativas reproduzidas na mídia árabe. Esses eventos incluem, sobretudo, as mudanças na política externa do governo Barack Obama, a crise econômica internacional (iniciada em 2007 como uma

crise imobiliária nos EUA, crise esta que contribuiu para o baixo crescimento econômico e/ou deflagrou um quadro recessivo em diversos países do mundo), as manifestações populares frequentes que ocorrem nos países árabes desde 2010, a ascensão do chamado Estado Islâmico, assim como também o aumento significativo da migração para a Europa e a pressão migratória sobre o continente europeu. No entanto, a inclusão dos últimos eventos e, assim, a extensão do período de análise da pesquisa encontram-se fora do âmbito deste artigo. A segunda limitação metódica concerne à ênfase no discurso geopolítico em termos textuais e simbólicos, uma vez que novas abordagens da geopolítica crítica têm apontado para a necessidade de se considerar as práticas e materialidades que os discursos geopolíticos evocam e (re)produzem, bem como as suas diferentes formas de *embodiment* (cf., p. ex.: DODDS et al., 2013). Nesse sentido, essa pesquisa é parcial e, com ela, procura-se também abrir caminhos para pesquisas futuras que tenham por objetivo superar as duas limitações acima apresentadas.

Geografias imaginativas do Ocidente

Nos textos e nas imagens analisados, não foram encontradas nenhuma construção ou descrição do Ocidente iguais ou parecidas com as construções geopolíticas islamistas analisadas por Allam (2004), Forstner (2001), Abdelnasser (2000), Rotter (1996) e por outros. Ao contrário, as geografias imaginativas do Ocidente que circularam no *corpus* estudado, via de regra, não podem ser enquadradas em discursos geopolíticos religiosos. Como será exposto mais adiante, os elementos que sustentam a lógica dos discursos analisados são de ordem profundamente pós-colonial, no sentido de que os textos e as imagens veiculados nos jornais reproduzem, sobretudo, uma ordem mundial por meio da qual se identificam estruturas coloniais históricas que ainda formam o presente das nações (cf. HALL, 1996). Nas páginas que seguem, serão apresentadas as quatro construções do Ocidente identificadas com mais frequência no material analisado.

O Ocidente colonial no passado e no presente

"Colonialismo", "neocolonialismo" e, com isso, "opressão", "exploração" e "supremacia" fazem parte das características que se encontram regularmente atribuídas ao Ocidente nos artigos analisados. Essa imagem se refere não apenas ao Ocidente do passado, mas, sobretudo, ao Ocidente contemporâneo. O contexto discursivo no qual a ideia da ordem colonial contemporânea se manifesta com mais frequência é aquele relacionado às

notícias sobre a proclamação da “guerra contra o terrorismo”, qual seja: as guerras contra o Afeganistão (2001) e o Iraque (2003). Nesses artigos, argumenta-se, por exemplo, que “[a] guerra atual, conduzida no quadro da guerra contra o terrorismo, que começou no Afeganistão e estenderá a sua agressão sobre os outros [Estados árabes e islâmicos], é uma guerra [que impõe a] submissão [dos povos árabes e muçulmanos]” (Shafiq, al-Hayat, 25/10/2001, p. 19)⁸. Artigos intitulados “O colonialismo do homem branco está retornando” (al-Imām, Asharq Al-Awsat, 13/3/2003) ou “Primeiro ano: Neocolonialismo” (Abu Murshid, Asharq Al-Awsat, 22/3/2004) aparecem com frequência nos jornais analisados⁹. Além disso, destacam-se também as notícias sobre a chamada “Iniciativa para o Grande Oriente Médio (*The Greater Middle East Initiative*)”¹⁰, por sua vez interpretada nos termos de uma ordem geopolítica colonial, de forma a reproduzir a imagem do Ocidente colonial. A seguinte citação de um artigo publicado no jornal al-Hayat, intitulado “[A Iniciativa para o] Grande Oriente Médio representa o objetivo ocidental de formar o mundo novamente” (Zayd, al-Hayat, 29/2/2004, p. 10), serve como um exemplo paradigmático desse discurso:

A Iniciativa para “o Grande Oriente Médio” remete às posições do Ocidente colonial diante do mundo não ocidental em épocas passadas, bem como às reivindicações que foram feitas em nome do humanismo, e ao falso moralismo que se esconde por trás dessa ordem [...]. Mas elas [as posições do Ocidente colonial], na realidade, visaram à dominação e à hegemonia sobre outros povos e seus destinos. Assumia-se – e, ao mesmo tempo, esperava-se – que esses tempos fizessem parte do passado. [...] Mas os eventos de que o mundo agora é testemunha revelam a persistência de tendências coloniais enraizadas no Ocidente. [...] Por meio da Iniciativa para o Grande Oriente Médio, estão sendo impostos à região [do Oriente Médio] os caminhos e as interpretações ocidentais da democracia, de um governo justo, bem como do individualismo [...] – isso tudo [tem sido feito] sem que se respeitem as estruturas culturais e religiosas, bem como os valores da população da região [do Oriente Médio]. [Essa visão] promove o regresso da região [do Oriente Médio] a um estado de marginalidade. Essa região tem sofrido com [essa política], assim como também com a domesticação da população local, com a reformulação de suas maneiras de pensar e com a integração de sua economia na

⁸As referências aos artigos citados do jornal al-Hayat e do jornal al-Quds al-Arabi incluem o sobrenome do autor, o nome do jornal, a data de publicação e os respectivos números da página na qual o texto foi impresso. Todos os artigos analisados do jornal Asharq Al-Awsat foram publicados na rubrica “opinião (*ra’y*)”. Via de regra, trata-se da página 15 do jornal, com algumas exceções. Os artigos analisados foram obtidos no arquivo online do periódico Asharq Al-Awsat: <<http://www.aawsat.com/advsearch.asp>> (último acesso em 22/9/2016). No portal eletrônico, os artigos encontram-se organizados por rubrica, data e autor. Nele, não são fornecidas as informações sobre as páginas dos artigos. Por este motivo, não se indica, neste artigo, o número das páginas. Mas o fato de que todos os artigos foram publicados na rubrica “opinião (*ra’y*)” garante a atribuição precisa entre as referências feitas neste artigo e a localização do texto nas fontes originais.

⁹Cf. também: Sa’id, al-Hayat, 15/1/2001, p. 16; Şāghiya, al-Hayat, 20/7/2003, p. 15; Abū Tālib, Asharq Al-Awsat, 24/1/2002; al-Afandi, al-Quds al-Arabi, 5/4/2005, p. 19, dentre outros.

¹⁰O Projeto do Grande Oriente Médio foi uma iniciativa lançada pelos Estados Unidos sob o governo de George W. Bush durante o encontro do G8 em 2004. Este projeto tinha como objetivo reestruturar e democratizar a região do chamado Grande Oriente Médio, termo que inclui, geograficamente, os países árabes, bem como o Irã, a Turquia, o Afeganistão e o Paquistão. Às vezes, o termo inclui também países da Ásia Central (via de regra: Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão).

economia ocidental – algo que se encontra em curso há muito tempo, já desde o colonialismo antigo. (Zayd, al-Hayat, 29/2/2004, p. 10)

Nesse trecho, o “Ocidente colonial” é representado como o “outro” antagonista do mundo não ocidental, inclusive da “região [do Oriente Médio]”. Os povos do Oriente Médio são apresentados como vítimas do “Ocidente colonial”, uma vez que é “o mundo não ocidental” que está sendo atacado (e não ataca), que é dominado (e não domina) e que deve se tornar subordinado ao “Ocidente colonial”. “A região”, como parte do “mundo não ocidental”, é pensada aqui como o “si” colonizado, cuja relação com o “outro” é descrita em termos de “imposição”, “desrespeito”, “marginalização” e “domesticação” (ibid.). Nessa ordem colonial, o “Ocidente” invade o “mundo não ocidental” e a “região [do Oriente Médio]” a fim de dominá-los, de tal modo que o estabelecimento de uma demarcação geográfica nítida entre Ocidente e não Ocidente se torna uma tarefa difícil (cf. tb. GREGORY, 1998, p. 96ss). Nessa geografia imaginativa, o Ocidente penetra e molda o espaço do “si”.

De acordo com estudos históricos (cf. HOURANI; RUTHVEN, 2010) e estudos sobre o pensamento árabe (KASSAB, 2009, p. 17-47; cf. também BOULLATA, 1990; SHARABI, 1970; HOURANI, 1962), tal geografia imaginativa já se encontra presente nos primeiros discursos anticoloniais que remontam ao início da era colonial europeia no norte da África e no Oriente Médio. Nesse sentido, as geografias imaginativas aqui analisadas podem ser interpretadas como uma continuação de antigas geografias imaginativas, de forma a denunciar a contemporaneidade colonial.

O Ocidente como modelo, no passado e no presente

Nos discursos analisados, o Ocidente se encontra descrito, com alguma frequência, como um modelo a ser seguido, especialmente no que diz respeito ao conhecimento, ao progresso técnico e aos sistemas políticos. Essa geografia imaginativa é reproduzida, sobretudo, em conexão com as notícias sobre as publicações do Relatório Árabe de Desenvolvimento Humano. Nos textos analisados, desenvolve-se a ideia segundo a qual é preciso “alcançar a modernidade ocidental” (Ṭarābīshī, al-Hayat, 22/8/2004, p. 16) ou almejar o seu “alto nível de conhecimento, tecnologia e economia” (Dju’ayṭ, al-Hayat, 6/9/2003, p. 10) (cf. tb. Salīm, al-Hayat, 15/12/2001, p. 10). Em um outro texto, por exemplo, constata-se que “os árabes e muçulmanos, para o bem do seu próprio progresso [...], poderiam se beneficiar da cultura ocidental” (al-Anṣārī, al-Hayat, 3/12/2001, p. 15; cf. também: Şāliḥ, Asharq Al-Awsat, 28/2/2006).

Esses atributos do Ocidente são, via de regra, conec-

tados com descrições de um "si" estagnado, que caminha na direção contrária do progresso e se encontra em crise. A possibilidade de seguir caminhos ocidentais com o objetivo de encontrar uma saída da crise é proposta, sobretudo, no contexto de notícias e debates críticos sobre os sistemas políticos e as estruturas dos Estados árabes. O trecho que segue, publicado entre as notícias sobre uma situação próxima ao estado de guerra civil no Iraque, deixa essa perspectiva muito clara: "O Estado de direito e o valor do ser humano são as chaves mais importantes para [abrir] os segredos do progresso ocidental e para [se alcançar] o fundamento dos valores da vida no Ocidente" (ash-Shāmī, al-Hayat, 3/7/2005, p. 10). Todavia, "o valor do ser humano individual", segundo o autor, "não significa muito no Mashriq Árabe"¹¹(idem, ibidem). As numerosas rebeliões e os ataques terroristas dentro do Mashriq teriam resultado, diariamente, em inúmeras mortes, sendo os corpos das vítimas observados com indiferença. A solução seria promover uma adaptação dos sistemas e valores políticos já estabelecidos no Ocidente, como o "pluralismo" e a "democracia" (idem, ibidem), valores estes destacados, mais uma vez, ao final do artigo. Caso esses valores não sejam tomados como a base de uma grande mudança – ainda de acordo com os termos apresentados no artigo –, então "não haverá nenhum amanhecer para a nossa noite árabe que se estende do Atlântico até o Golfo [Árabe]. Assim, a noite será longa e profundamente escura. Iremos continuar apenas observando os trovões e os relâmpagos, mas nós mesmos não deixaremos a chuva cair" (idem, ibidem; cf. também HUSSEINI DE ARAÚJO, 2014).

A geografia imaginativa do Ocidente como sinônimo da modernidade e do progresso, assim como também como um modelo a ser seguido em termos políticos, parece acompanhar "as grandes narrativas da modernidade" (LYOTARD, 2009 [1979]) que partem da ideia do desenvolvimento humano universal e cujo ápice é representado pelo Ocidente. Essas geografias imaginativas, bem como outras a elas semelhantes, surgem reproduzidas na mídia analisada em vários outros artigos (cf., p. ex.: al-Ahḍar, al-Hayat, 19/9/2009, p. 19; Bin Muḥammad, Asharq Al-Awsat, 21/12/2002). Em alguns casos, destaca-se a mesma lógica, ainda que com polos invertidos, entre o desenvolvimento ocidental e o desenvolvimento oriental: "A cultura árabe era, durante o seu apogeu, um modelo para o Ocidente. Na contemporaneidade, é o contrário" (cf. Sa'īd, al-Hayat, 15/1/2001, p. 16). Além disso, ainda surgem nos textos linhas de argumentações islâmicas reformistas. Elas sugerem que "somente aquilo que for útil deveria ser adotado do Ocidente". Desse modo, "visões de mundo ocidentais que não são compatíveis com a religião islâmica deveriam ser deixadas de lado" (al-Ḥidād, al-Hayat, 22/1/2006, p. 19).

Apesar dos argumentos apresentados nesses fragmentos de um discurso reformista islâmico, a maioria das construções discursivas que representam o Ocidente como um modelo a ser seguido é parte integrante de uma visão de mundo moderna e eurocêntrica. Assim, o Ocidente tomado como o "outro" é visto como o contrário de "si", que por sua vez é pensado em termos de estagnação, regresso, subdesenvolvimento e crise. Essa geografia imaginativa é muito próxima ao tipo de discurso orientalista criticado e desconstruído por Edward Said na obra *Orientalismo* (2009 [1978]). Entretanto, nos casos estudados nesta pesquisa, essa geografia imaginativa se encontra reproduzida a partir de uma outra perspectiva. E isso não é incomum.

De acordo com os estudos associados à teoria pós-colonial (cf. CHAKRABARTY, 2002, p. 291ss e 304ss.; CASTRO VARELA; DHAWAN, 2005, p. 17ss), as construções discursivas que reiteram uma visão de mundo pautada pelo modelo eurocêntrico de desenvolvimento rumo à modernidade têm uma longa genealogia. Sua história remonta ao contexto de expansão colonial dos impérios modernos europeus, por sua vez vistos não apenas como uma empresa colonial agressora, mas também – pelo menos até um certo grau – como um modelo. A partir de uma perspectiva histórica, o Império Otomano começou a realizar reformas orientadas pelo "modelo europeu" já no século XVIII, sobretudo com relação aos sistemas educacionais, à ciência e à tecnologia, bem como ainda à organização, à tática e ao uso de armas do exército (SCHÖLCH, 2001, p. 387ss.; cf. também HOURANI; RUTHVEN, 2010; HOURANI, 1962). Com a presença crescente das potências coloniais europeias no mundo árabe, "o desejo de ser moderno" (CHAKRABARTY, 2008, p. 291) se manifestou particularmente nos movimentos de resistência anticolonial (KASSAB, 2009, p. 17ss). Apesar de o Ocidente ter representado um poder agressivo colonial de natureza fortemente exploradora, ele também era visto como um modelo exemplar, uma vez que o caminho rumo à modernidade se apresentava como a principal saída para se conseguir superar a potência colonial (idem, ibidem). Essa geografia imaginativa ambígua do Ocidente continua a ser reproduzida nas décadas e nos séculos subsequentes, como se comprova nos artigos publicados entre os anos de 2001 e 2006 analisados nesta pesquisa.

O Ocidente e a marginalização dos seus "outros" internos

Nos discursos estudados, o Ocidente é conectado, com muita frequência, a etiquetas como "racismo", "islamofobia" e "arabofobia", por exemplo. Sobretudo o conflito sobre as charges do profeta Muhammad em 2006, a proibição do véu nas escolas francesas desde 2004, os tumultos nos subúrbios franceses em 2005 e,

¹¹O Mashriq ("levantante") é um conceito geográfico que se refere à parte oriental do mundo árabe, enquanto o Maghrib ("poente") refere-se à sua parte ocidental.

em particular, os atentados terroristas – 9/11, os ataques em Madri em 2004, ou os ataques no metrô de Londres em 2005 – representam o contexto em que foram publicadas uma grande quantidade de notícias sobre a hostilidade e a xenofobia crescente contra árabes e muçulmanos no Ocidente. As notícias relatam diversos ataques contra árabes e muçulmanos, discorrem sobre a introdução crescente, em todo o mundo, de medidas de segurança exageradas contra essa população e sobre a criação de um clima de suspeita geral contra ela, bem como sobre a incapacidade ocidental de estabelecer uma diferença entre o terrorismo e a religião islâmica (cf. p. ex.: Şāghiya, al-Hayat, 18/9/2001, p. 9; al-Musfir, al-Quds al-Arabi, 25/9/2001, p. 19; al-Abṭaḥ, Asharq Al-Awsat, 2/10/2001)¹². Na maior parte dos casos, esses textos tratam de árabes e muçulmanos que vivem no Ocidente. Eles são, via de regra, descritos com os termos “inocente”, “íntegro” e aqueles que “sofrem injustiça” (al-Fiqqī, al-Hayat, 13/11/2001, p. 9; cf. também Şāghiya, al-Hayat, 18/9/2001, p. 9; Sha'bān, Asharq Al-Awsat, 13/3/2006, entre outros). O exemplo reproduzido a seguir foi publicado após os acontecimentos de 11 de setembro de 2001. Nele, constroem-se diferenciações entre o “si” e o “outro” que são frequentemente reproduzidas nos textos publicados ao longo de todo o período de análise.

Apesar dos apelos para se tratar com respeito árabes e muçulmanos de nacionalidades ocidentais, avança uma onda de [...] deterioração dos direitos [desses cidadãos]. Expressão dessa tendência crescente são o aumento de medidas de segurança tomadas contra esse grupo populacional, bem como as campanhas da mídia e da política que os conectam com o terrorismo e [os associam com] terroristas. [...] Eles não são tratados como uma parte importante das sociedades ocidentais. [...] Eles são o outro que nunca se torna um cidadão plenamente reconhecido. Os árabes são ainda [...] cidadãos de segunda classe, e não cidadãos plenos. Eles têm [direito a] um passaporte dos países ocidentais, mas ainda são objeto de muita dúvida e suspeita. (Şulḥ, al-Hayat, 26/11/2001, p. 10)

O “Ocidente”, a “Europa”, a “América (os Estados Unidos)” e, implicitamente, o “cidadão pleno” contrapõem-se discursivamente com “os árabes e muçulmanos”, com os “outros no Ocidente”, com “o outro que nunca se torna um cidadão plenamente reconhecido”, ao mesmo tempo em que ainda é “objeto de muita dúvida e suspeita” (Şulḥ, al-Hayat, 26/11/2001, p. 10). Aqui, bem como também em muitos outros artigos (cf., p. ex.: Shafiq, al-Hayat, 25/10/2001, p. 19; Aghri, al-Hayat, 13/11/2001, p. 16; Abān, Asharq Al-Awsat, 9/2/2006; Sha'bān, Asharq Al-Awsat, 13/3/2006; Ra'y al-Quds, al-Quds al-Arabi, 18/1/2002, p. 19), o Ocidente se encontra representado na posição do sujeito opressor, enquanto que árabes e muçulmanos são representados na posição da vítima, de um objeto passivo.

¹² Outros exemplos presentes no periódico al-Hayat: Sa'īd, 15/10/2001, p. 16; Zayd, 5/11/2001, p. 10; Şāghiya, 20/7/2003, p. 15. Do periódico al-Quds al-Arabi, destacam-se: Ra'y al-Quds, 14/9/2001, p. 19; al-Afandī, 6/4/2004, p. 19. No jornal Asharq Al-Awsat, veja-se, sobretudo: Abū Ṭālib, 4/10/2001; ar-Ruwāf, 19/8/2002; Sha'bān, 13/3/2006.

A construção do Ocidente como um sujeito ativo que não reconhece os outros como cidadãos, que se posiciona, com arrogância, por cima dos outros, constitui um tipo de narrativa cujas raízes igualmente remontam aos discursos dos movimentos anticoloniais do final do século XIX no norte da África e no Oriente Médio. Segundo o historiador Albert Hourani, a imaginação do Ocidente como uma entidade arrogante e que se apresenta como superior no contexto da política colonialista constitui um elemento central dos discursos anticoloniais nacionalistas, pan-arabistas e islamistas (HOURANI; RUTHVEN, 2010; cf. também SHARABI, 1970). Mas enquanto que essas geografias imaginativas dos discursos anticoloniais se referem ao Ocidente no Oriente (o Ocidente compreendido como o poder colonial), as geografias imaginativas analisadas nesta pesquisa se referem aos árabes e aos muçulmanos no Ocidente, ou seja, o Ocidente como o lugar e a pátria de árabes e muçulmanos. Segundo Stuart Hall (1996), essa geografia imaginativa representa uma típica constelação pós-colonial, pois o Ocidente contemporâneo (Şulḥ, al-Hayat, 26/11/2001, p. 10) é descrito como um espaço fragmentário em termos de identidades que inclui e (re)produz os seus *outros internos*. Essa situação pós-colonial foi provocada sobretudo pela globalização e pelos movimentos migratórios de antigos territórios coloniais para o Ocidente (cf. também HA, 2004, p. 19). Nessa visão, o Ocidente racista e xenófobo representa a continuação do racismo moderno e colonial, algo que se reflete em muitos artigos analisados nos quais se faz referência, por exemplo, ao “fio condutor entre o colonialismo antigo e o racismo moderno no Ocidente” (ash-Shahhal, al-Hayat, 24/11/2002, p. 18).

A ocidentalização

Alguns dos artigos analisados destacam a ideia de que o Ocidente e o mundo árabe-islâmico encontram-se entrelaçados em termos culturais. Assim, um dos autores apresenta, nas primeiras linhas de seu artigo, uma descrição do apogeu da cultura árabe-islâmica (séculos VIII a XIII d.C.) e de suas realizações e conquistas nas áreas da filosofia, da medicina, da arte e da arquitetura (Sa'īd, al-Hayat, 25/10/2001, p. 16). “Essas são as conquistas criativas que o Ocidente adotou e de que se apropriou”, segundo o artigo, “e são nelas em que o Ocidente fundamentou a sua base cultural, de tal forma que elas [essas conquistas] passaram a ser, de uma ou de outra maneira, uma parte da cultura ocidental” (idem, ibidem). Mas com a modernidade e o colonialismo europeus, ainda de acordo com os argumentos do autor, ocorre uma inversão, de tal modo que “o mundo árabe-islâmico tem ficado em uma posição subordinada” (idem, ibidem). Desde então, o mundo árabe-islâmico passou a adotar e a se apropriar das conquistas da modernidade europeia, a tal ponto que

"o Ocidente passou a ser, inevitavelmente, uma parte do mundo árabe-islâmico" (idem, *ibidem*). Assim, o Ocidente tem se tornado "onipresente" no mundo árabe-islâmico por meio de um "processo irrefreável e indissolúvel de ocidentalização" (idem, *ibidem*). No entanto, segundo o autor do artigo, essa ocidentalização tem se mostrado como um processo violento, assimétrico em termos de poder, e que "parte de um processo subordinante por meio do colonialismo dos estados ocidentais e de suas políticas de interesse" (idem, *ibidem*). Algo que não mudou até hoje, de acordo com o texto publicado, uma vez que o mundo árabe-islâmico ainda não conseguiu se libertar dessa situação. Nessa perspectiva, o artigo afirma que "o século XX foi, em todos os sentidos, um século de derrotas e de grandes retrocessos para os mundos árabe e islâmico [...]. E com relação ao século que agora se inicia [século XXI], parece que simplesmente continuamos a assistir às nossas derrotas e aos retrocessos do século passado" (idem, *ibidem*).

Em resumo, essa geografia imaginativa sugere que, por conta do entrelaçamento cultural e da ocidentalização, Oriente e Ocidente passaram a ser inseparáveis. Nesse sentido, passou a ser igualmente impossível demarcar geograficamente as fronteiras culturais entre o Ocidente e o mundo islâmico. Segundo esse modelo de geografia imaginativa, o Ocidente se encontra, contemporaneamente, em todo lugar no mundo islâmico. Mesmo assim, as relações geográficas convergentes entre o Ocidente e o mundo islâmico são assimétricas e se encontram determinadas, até o presente, pelas estruturas coloniais. Eis o motivo pelo qual o processo de ocidentalização não pode ser considerado um processo unificador, mas sim uma consequência inevitável de um modelo de política colonialista por meio da qual se impõe a existência de estruturas assimétricas. Daí resulta a contemporaneidade pós-colonial.

Nenhum "choque das civilizações" ou uma outra leitura da teoria de Samuel P. Huntington

Os resultados da análise das geografias imaginativas do Ocidente mostram que elas não seguem um discurso geopolítico religioso que confirmaria a teoria do "choque das civilizações" de Samuel P. Huntington ou suas versões islamistas. Estas últimas projetariam o Ocidente – segundo Allam (2004), Forstner (2001), Abdelnasser (2000), Rotter (1996), e outros – como inimigo e ameaça por ser descrente, imoral, materialista e por ser caracterizado pelo afastamento da religião e do conhecimento de Deus. Em vez disso, o Ocidente é representado nos discursos analisados como o agressor colonial que subordina os seus "outros", sejam eles identificados como o não Ocidente, ou como os seus "outros" internos. Ao mesmo tempo, o Ocidente sempre representa um mode-

lo a ser seguido com relação a temas como o progresso científico e tecnológico ou os sistemas e valores políticos.

Além disso, merece destaque mais uma diferença fundamental. Enquanto que a teoria do "choque das civilizações" tem por base a ideia de regiões culturais mundiais territorialmente demarcáveis, as geografias imaginativas do Ocidente e do mundo islâmico reproduzidas nos discursos analisados se sobrepõem, convergem e/ou se inserem no mesmo espaço imaginativo – o Ocidente como poder colonial no mundo islâmico, árabes e muçulmanos no Ocidente, e o processo de ocidentalização do mundo islâmico. Ou seja, enquanto que a teoria do "choque das civilizações" é articulada por um discurso cujas raízes se encontram nas regionalizações do espaço mundial produzidas pelo pensamento científico moderno de matriz orientalista e geográfica entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX (REUBER, 2009), as geografias imaginativas aqui reveladas seguem um discurso historicamente enraizado nas visões e nos argumentos do anticolonialismo. Esse discurso se desenvolveu no Oriente Médio desde a campanha do Egito comandada por Napoleão em 1798 e sofreu transformações de acordo com as diversas constelações coloniais e pós-coloniais experienciadas ao longo do tempo.

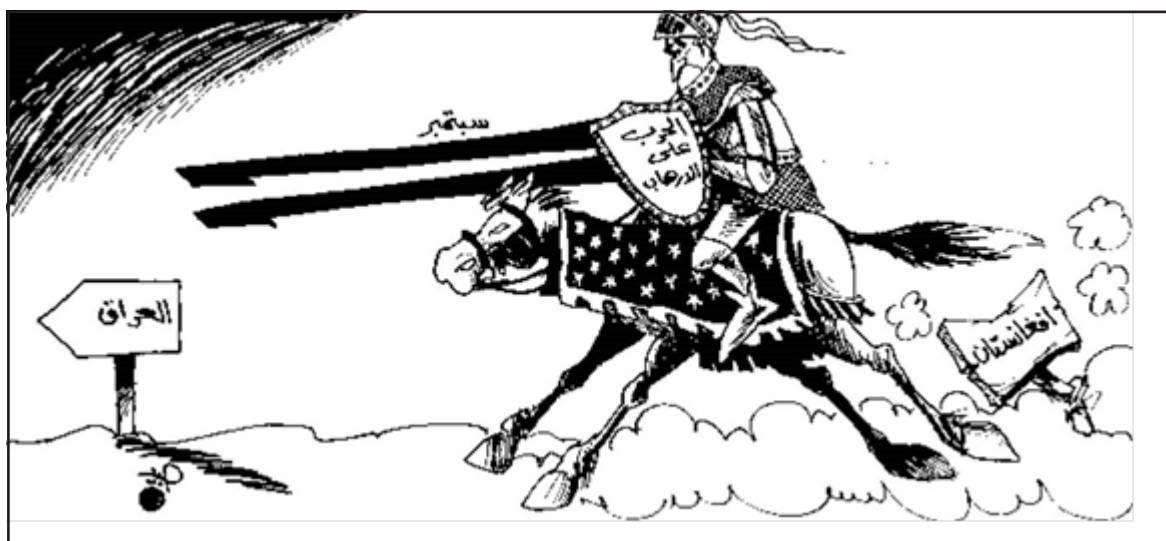
Entretanto, no material analisado, a rejeição da teoria do "choque das civilizações" não se manifesta apenas por meio das geografias imaginativas do Ocidente, como discutido acima. Muitos dos artigos que integram o *corpus* da pesquisa tematizam essa teoria diretamente, até mesmo por ela ter sido uma teoria frequentemente reproduzida em mídias ocidentais durante o período de análise. Na maior parte dos títulos dos artigos em que o termo "choque das civilizações" surge, manifestam-se posições que rejeitam a teoria de Huntington (bem como de islamistas radicais) e a contradizem, como é o caso, paradigmaticamente, do artigo intitulado "Choque das civilizações? Não..." (Şāghiya, al-Hayat, 18/9/2001, p. 9; veja-se também Abu Murshid, Asharq Al-Awsat, 17/2/2002; Ūrayd, Asharq Al-Awsat, 4/8/2003). As razões e os motivos da rejeição dessa teoria são múltiplos. Em primeiro lugar, as categorias identitárias "Ocidente" e "mundo islâmico" são decididamente questionadas. O pressuposto da homogeneidade interna dessas regiões culturais mundiais, sendo esse o princípio fundamental da teoria do "choque das civilizações", é visto como altamente problemático (cf. p. ex.: Nirbiyya, al-Hayat, 8/3/2003, p. 14). Nesse sentido, alguns autores argumentam que nem o Ocidente, nem o mundo islâmico existem "em si" (cf., p. ex.: Şāghiya, al-Hayat, 9/9/2002, p. 20; Sa'īd, al-Hayat, 15/1/2001, p. 16). "O Ocidente não é uma unidade que se opõe a outra [...], seu burro!" (Şāghiya, al-Hayat, 9/9/2002, p. 20). Em segundo lugar, existem textos que rejeitam a ideia de Huntington (como também as ideias de islamistas radi-

cais) “porque não há nenhuma evidência histórica que poderia fundamentar a tese do choque das civilizações” (Shafiq, al-Hayat, 25/10/2001, p. 19).

Mesmo que a teoria do “choque das civilizações” seja frequentemente rejeitada, alguns textos veem um sentido e uma função na sua reprodução e no seu uso. Uma parte significativa dos artigos analisados constata que a teoria do “choque das civilizações” serve, em primeiro lugar, para apoiar os interesses dos atores políticos e legitimar seus objetivos. Às vezes, são “os islamistas” e “os terroristas” que são citados como aqueles que se aproveitam do *boom* da teoria do “choque das civilizações”, já que essa teoria poderia fundamentar suas ideologias e apoiar suas políticas (cf., p. ex.: Şāghiya, al-Hayat, 18/9/2001, p. 9). No entanto, na maioria dos casos, os agentes identificados nos discursos analisados como aqueles que se aproveitam da teoria de Huntington são os neoconservadores e/ou o governo George W. Bush e seus aliados, como é o caso no seguinte exemplo: “Por meio da teoria do choque das civilizações, os neoconservadores do governo Bush ganham suporte e fundamento para a sua política intervencionista no Oriente Médio” (Munaymina, al-Hayat, 28/10/2001, p. 17; consulte-se também Sa’id, al-Hayat, 15/1/2001, p. 16). Na maioria dos textos, a teoria do “choque das civilizações” é pensada e debatida em conjunto com a chamada “guerra contra o terrorismo”, e ambas são vistas como conceitos geopolíticos que legitimam (re)ações políticas distintas. Nesse contexto, o verdadeiro objetivo não seria o combate ao terrorismo, mas estabilizar e legitimar a presença estadunidense no Oriente Médio e na Ásia Central, com o objetivo de assegurar e melhorar o controle dos Estados Unidos sobre os recursos petrolíferos dessas regiões (Shafiq, al-Hayat, 25/10/2001, p. 19, entre outros). Assim, “os ataques do dia 11 de setembro são usados ao má-

ximo para se apropriar do mundo islâmico” (Nūwayhad, al-Hayat, 28/10/2001, p. 10; veja-se também Gharib, al-Hayat, 6/12/2001, p. 19). Tais argumentos encontram-se reproduzidos visualmente nas charges analisadas dos jornais.

Armado com as lanças do 11 de Setembro (as lanças representam o número 11; em cima delas encontra-se escrita a palavra “setembro”) e protegido pelo escudo que apresenta a inscrição “A guerra contra o terrorismo”, o presidente Bush, montado a cavalo, deixa para trás o Afeganistão (observe-se a placa no canto inferior direito da imagem com a inscrição “Afeganistão”) e segue galopando em direção ao Iraque (veja-se a placa no canto inferior esquerdo da imagem). Em conexão com a chamada “guerra contra o terrorismo”, e com o objetivo de legitimá-la, segundo um dos autores, “devemos entender a tese do ‘choque das civilizações’ de Samuel Huntington [...] como uma tese inteiramente política – uma tese [que prega] a destruição e a hegemonia, tese esta apresentada sob os trajes da ‘cultura’” (Sa’id, al-Hayat, 25/10/2001, p. 16). Nessa interpretação, a teoria do “choque das civilizações” encontra-se enquadrada nos termos de um discurso pós-colonial: ela passa a ser o instrumento por meio do qual se procura sustentar as geopolíticas intervencionistas que têm por objetivo garantir a hegemonia dos Estados Unidos no Oriente Médio e na Ásia Central. Essa forma de geopolítica intervencionista é vista, portanto, como uma expressão da colonialidade contemporânea. Por outro lado, como já mencionado acima, a teoria do “choque das civilizações” também é vista como um instrumento de que se valem movimentos islamistas radicais e/ou terroristas. Esse ponto será discutido no próximo item.



Fonte: al-Hayat, 11/2/2002, p. 9; artista: Habib Haddad.

O terrorismo: sempre o produto do "outro"

A maneira como o terrorismo é apresentado no material analisado corresponde, em muitos sentidos, às descrições do terrorismo veiculadas nos discursos hegemônicos em mídias ocidentais (REUBER; STRÜVER 2009, p. 316ss.). O terrorismo se encontra associado a termos como "desumano", como algo que age "em contradição com todos os valores religiosos e civis", é "criminoso" e "bárbaro". Assim, o terrorismo é "uma ameaça perigosa para a segurança, para a estabilidade e para a paz" (sem autor, al-Hayat, 13/9/2001, p. 5). Essa construção do terrorismo como "o outro" opõe-se, via de regra, a uma descrição do "si" como "humano", "civil", "pacífico" (ibid.; cf. tb. ar-Rubī, Asharq Al-Awsat, 15/1/2001; Ra'y al-Quds, al-Quds al-Arabi, 12/9/2001, p. 19). Em termos espaciais, o terrorismo é predominantemente representado como uma rede global que faz o mundo inteiro de vítima.

Em outros artigos, "os árabes e muçulmanos" são frequentemente representados como as principais vítimas do terrorismo: "Se Bin Laden tem causado sofrimento, dor e injustiça ao Ocidente, [...] resta alguma dúvida de que ele tem causado muito mais sofrimento e dor para os árabes e muçulmanos?" (Şāghiya, al-Hayat, 18/9/2001, p. 9; cf. também al-'Alawī, Asharq Al-Awsat, 16/10/2001; Musfir, al-Quds al-Arabi, 25/9/2001, p. 19)¹³. A argumentação por trás dessas construções é que o terrorismo usa a religião islâmica como instrumento político, levando a um aumento da islamofobia e da arabofobia no mundo inteiro e, mais particularmente, no Ocidente. Além disso, o terrorismo deflagra uma situação de crise política e instabilidade em muitos países – em primeiro lugar, nos países árabes – e, finalmente, instrumentaliza os movimentos de resistência em regiões de conflito nos mundos árabe e islâmico.

Enquanto que em veículos da mídia ocidental e brasileira o terrorismo é frequentemente conectado com a religião islâmica, ou até mesmo visto como um dos seus problemas (cf., p. ex.: BECARI; FREITAS, 2013; REUBER; STRÜVER, 2009; STRÜVER, 2008; SAEED, 2007; BROTAS, 2006; SHADID, 2005; ABRAHAMIAN, 2003), nos discursos analisados manifestam-se tentativas de desconectar terrorismo e Islã, declarando o terrorismo como algo anti-islâmico. Assim, o terrorismo passa a ser frequentemente explicado nos artigos analisados como o resultado de políticas coloniais exploratórias, violentas, repressivas e injustas, via de regra adotadas por governos ou Estados que, em alguns casos, são acusados eles próprios de serem terroristas, como é o caso dos Estados Unidos sob o governo Bush e do Estado de Israel sob o governo Sharon (cf., p. ex.: Sa'īd, al-Hayat, 15/10/2001, p. 16; Nāfī, al-Quds al-Arabi, 27/9/2001, p. 19; al-Husaynī,

¹³Cf. também no jornal al-Hayat: al-Aḥḍar, 14/10/2001, p. 19; Taqī d-Dīn, 07/11/2001, p. 9; Rashīd, 1/1/2005, p. 9; cf. no jornal al-Quds al-Arabi: Nāfī, 27/9/2001, p. 19; Ḥadīdī, 15/7/2005, p. 19; cf. no jornal al-Quds al-Arabi: Ghānī, 16/10/2002; al-Djawhārī, 20/9/2002; Darwish, 27/11/2003; Darwish, 19/3/2004; al-Husaynī 6/1/2005.

Asharq Al-Awsat, 7/1/2002). Por fim, são as ditaduras dos Estados árabes que são acusadas de seguir com políticas repressivas e autoritárias, violentas e brutais, e que não investem na sociedade, além de não permitirem a manifestação de vozes opositoras e opiniões divergentes (cf. p. ex.: Ḥāmid, al-Hayat, 11/10/2002, p. 15). As políticas e medidas das ditaduras árabes têm como resultado não apenas o surgimento e o agravamento de crises econômicas e políticas, mas também de uma crise humanitária. Ela inclui a propagação de conflitos e guerras em muitas regiões do mundo árabe, a imposição de graves restrições à liberdade de expressão e de circulação das pessoas nessas regiões, além da disseminação do desespero coletivo e da falta de perspectivas. Segundo uma grande parte dos artigos analisados, são esses os motivos que levam muitos jovens a se radicalizarem (p. ex.: Ḥāmid, al-Hayat, 11/10/2002, p. 15).

Além desses argumentos, defende-se frequentemente que os Estados Unidos, bem como o Estado de Israel e as ditaduras árabes, aproveitam-se do terrorismo (e vice-versa) para legitimar suas próprias políticas, sejam elas a chamada "guerra contra o terrorismo" conduzida pelos Estados Unidos e seus aliados, as chamadas retaliações militares israelenses, ou ainda as chamadas medidas "profiláticas" tomadas pelas ditaduras árabes com o objetivo de manter sob controle potenciais terroristas opositores ao regime (cf. Sa'īd, al-Hayat, 15/10/2001, p. 16). O que todas essas explicações têm em comum com as explicações encontradas nos discursos geopolíticos midiáticos ocidentais é que o terrorismo é sempre visto com um produto do "outro". Mas enquanto o "outro" em mídias ocidentais é principalmente o mundo islâmico, na mídia árabe o "outro" é multifacetado.

Conclusão

As ideias sobre o Ocidente que se manifestam como geografias imaginativas e, assim, como quadros interpretativos e explicativos de notícias e eventos midiáticos nos jornais analisados al-Hayat, al-Quds al-Arabi e Asharq Al-Awsat, são, em conjunto, diversas e, em parte, contraditórias. O Ocidente é representado nos discursos analisados como um poder (pós-)colonial que subordina e/ou marginaliza os seus "outros" (tanto o não Ocidente, quanto os seus "outros" internos). Ao mesmo tempo, o Ocidente se encontra frequentemente representado como um modelo que deve ser seguido com relação a temas como o progresso científico e tecnológico ou os sistemas e valores políticos do mundo ocidental. Nessas geografias imaginativas, os espaços culturais do "si" e do "outro" não são facilmente separáveis por meio de uma linha de demarcação territorial. A imaginação da ocidentalização, bem como do "si" como o "outro" no

Ocidente, ou ainda a imaginação do Ocidente colonial que tem se alargado no mundo islâmico, subvertem os mapeamentos e as regionalizações tradicionais de grandes culturas mundiais.

Desse modo, não é surpreendente que a teoria do “choque das civilizações”, fortemente assentada nessas regionalizações tradicionais, seja refutada quando diretamente tematizada no material analisado. Levando-se em consideração o discurso pós-colonial que fundamenta as geografias imaginativas aqui estudadas, a teoria do “choque das civilizações” é vista, em primeiro lugar, como um instrumento político a serviço dos poderes hegemônicos da contemporaneidade colonial. Como nos discursos midiáticos ocidentais, o terrorismo sempre aparece na posição do “outro” antagônico que representa uma ameaça ao “si”. Mas na mídia árabe ele não se encontra relacionado ao Islã. Pelo contrário: o terrorismo encontra-se distanciado da religião islâmica nessas representações discursivas. Ele é visto, sobretudo, como um produto das políticas e posições dos Estados Unidos, do Estado de Israel e das ditaduras vigentes nos próprios países árabes – políticas estas que se apresentam na origem da reação terrorista.

Os resultados desta pesquisa não representam, evidentemente, a totalidade do mundo árabe-islâmico, assim como também não representam a mídia árabe em “si”, mas apenas uma pequena parte de um discurso sociopolítico extremamente diverso e heterogêneo publicado em língua árabe. Eles também não fornecem uma interpretação “melhor” ou “mais” adequada em comparação com aquela que circula nas mídias ocidentais. Como se trata de geografias imaginativas veiculadas nas mídias de massa, elas se encontram igualmente baseadas em estereótipos e em simplificações do(s) outro(s). Mas o elemento crucial é que esses resultados apontam para a existência de imagens alternativas e distintas daquelas presentes nas mídias ocidentais, assim como também das imagens que surgem com as versões islamistas da teoria do “choque das civilizações”. Embora o Ocidente surja na mídia árabe associado a conotações negativas às quais se relacionam tanto o passado quanto o presente de uma política colonial, ele também é reconhecido como parte inegável e indissolúvel de “si”, e não como um inimigo a ser combatido por corporificar a incredulidade e a imoralidade *per se*. Ao se levar esse resultado em consideração, pesquisas futuras deveriam dar mais voz às posições e às perspectivas dos mundos árabe e islâmico que não seguem um islamismo radical. No contexto contemporâneo crescentemente marcado pela islamofobia, a compreensão dos discursos geopolíticos e das visões de mundo fundamentadas a partir dessas perspectivas é uma tarefa mais importante do que nunca.

Referências

- ABDELNASSER, W. M. (2000) Islam and the West. Perspectives from the Egyptian Press, with Particular Emphasis on Islamist Papers. In: HAFEZ, K. (org.). *Islam and the west in the mass media. Fragmented images in a globalizing world*. Cresskill, NJ: Hampton Press, p. 141-157.
- ABRAHAMIAN, E. (2003) The US media, Huntington and September 11. In: *Third World Quarterly*, v. 24, n. 3, p. 529-544.
- ALLAM, F. (2004) *Der Islam in einer globalen Welt*. Berlin: Wagenbach.
- ALSULTANY, E. (2012) *Arabs and Muslims in the Media: Race and Representation After 9/11*. New York, London: New York University Press.
- ALTERMAN, J. B. (1998) *New Media, New Politics? From Satellite Television to the Internet in the Arab World*. Washington, DC: Washington Institute for Near East Policy.
- ARAÚJO, L. A.; FONSECA, V. P. d. S. (2014) O orientalismo nas revistas semanais de informação: Islã insano, cismático e imutável. *Líbero*, v. 17, n. 33, p. 61-74.
- ARAVENA, P. (2007) Geopolítica de los entornos y sociedad del riesgo. Una interpretación desde la geopolítica crítica. *Política y Estrategia*, v. 108, p. 46-70.
- BARION, C. d. O. F.; PECHULA, M. R. (2015): "11 de Setembro": o terrorismo no discurso midiático como fomento do imaginário social. *Comunicação e Sociedade*, v. 37, n. 3, p. 343-367.
- BAUER, T. (2011) *Die Kultur der Ambiguität*. Frankfurt: Suhrkamp.
- BEARMAN, P.; BIANQUIS, Th.; BOSWORTH, C. E.; DONZEL, E. van; HEINRICH; W. P. (1960-2005). *Encyclopædia of Islam*, segunda edição, 12 volumes. Leiden: E. J. Brill.
- BECARI, R. d. J. F.; FREITAS, S. d. (2013) World Trade Center no discurso da mídia: A (des)construção identitária islâmica e norte-americana em Veja e Caros Amigos. *Estudos Linguísticos*, v. 42, n. 3, p. 1198-1213.
- BOULLATA, I. J. (1990) Trends and issues in contemporary Arab thought. Albany, NY: State University of New York Press.
- BROTAS, A. M. P. (2006) *Terrorismo contemporâneo: fundamentalismo religioso e loucura no discurso da revista Veja*. Intercom. Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília, 6-9 set. 2006. Disponível em: <<http://www.in-tercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0456-3.pdf>>. Último acesso em: 1/9/2016.
- CAIRO, H. (2008) A América Latina no século XXI: geopolítica crítica dos Estados e os movimentos sociais, do conhecimento e da representação. *Caderno CRH*, v. 21, n. 53, p. 201-206.
- CASTRO VARELA, M. d. M.; DHAWAN, N. (2005) *Postkoloniale Theorie. Eine kritische Einführung*. Bielefeld: transcript.
- CASTRO, I. C. S. d. (2007) Orientalismo na imprensa brasileira. A representação de árabes e mulçumanos nos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo antes e depois de 11 de setembro de 2001. *Dissertação de Mestrado, Departamento de Letras Orientais, FFLCH, USP*. Disponível em: <<http://www.te-ses.usp.br/te-ses/disponiveis/8/8154/tde-01092011-102913/pt-br.php>>. Último acesso em: 7/9/2016.
- CHAKRABARTY, D. (2008) *Provincializing Europe. Postcolonial thought and historical difference*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- _____. (2002) Europa provincialisieren. Postkolonialität und die Kritik der Geschichte. In: RANDERIA, S.; CONRAD, S. (orgs.) *Jenseits des Eurozentrismus*. Frankfurt am Main, New York: Campus, p. 283-312.
- CONORADO, Jaime Preciado (2010) La construcción de una geopolítica crítica desde América Latina y el Caribe. Hacia una agenda de investigación regional. *Geopolítica(s)* v. 1, n. 1, p. 65-94.
- CONTINI, A. A. M. (2009) Da Geopolítica Clássica à Geopolítica Crítica. In: *Âmbito Jurídico*, v. 69. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/in-dex.php?n_link=re-vista_artigos_leitura&artigo_id=9954>. Último acesso em: 5/6/2016.
- CRUZAT, S. P. (2007) Epistemología para una geopolítica de la posmodernidad. *Política y Estrategia*, v. 108, p. 19-28.
- DALBY, S. (2008) Imperialism, Domination, Culture: The Continued Relevance of Critical Geopolitics. *Geopolitics* v. 13, 413-436.
- DODDS, K.; KUUS, M.; SHARP, J. (2013) *The Ashgate Research Companion to Critical Geopolitics*. Farnham, Burlington: Ashgate.

- DODDS, K.; SIDAWAY, J. (1994) Locating critical geopolitics. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 12, p. 515-524.
- ETIENNE, B. (1987) *L'Islamisme radical*. Paris: Hachette.
- FERREIRA, F. C. B. (2015) Charlie Hebdo e Islamofobia. *Malala*, v. 3, p. 159-162.
- FORSTNER, M. (2001): Das Feindbild haben immer die Anderen! Arabische Äußerungen zum Konflikt der Kulturen. In: LEHNERS, J.-P.; BENTO, J. P. (orgs.) *L'Islam et l'espace euro-méditerranéen*. Luxembourg: Centre Universitaire de Luxembourg, p. 75-98.
- FOUCAULT, M. (2013 [1971]) *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola.
- GALLARDO, F. L. D. (2007) Contribución de la geopolítica crítica a la comprensión de la actual concepción de seguridad. *Política y Estrategia*, v. 108, p. 71-82.
- GHAREEB, E. (2000) New Media and the information revolution in the Arab world: an assessment. *The Middle East Journal*, v. 54, n. 3, p. 395-418.
- GLASZE, G.; HUSSEINI, S.; MOSE, J. (2009) Kodierende Verfahren in der Diskursforschung. In: GLASZE, G.; MATTISSEK, A. (orgs.) *Handbuch Diskurs und Raum. Theorien und Methoden für die Humangeographie sowie die sozial- und kulturwissenschaftliche Raumforschung*. Bielefeld: transcript, p. 89-107.
- GREGORY, D. (1998) *Explorations in critical human geography*. Hettner-Lecture 1997. Heidelberg: Selbstverlag des Geographischen Instituts der Universität Heidelberg.
- HA, K. N. (2004) *Ethnizität und Migration reloaded. Kulturelle Identität, Differenz und Hybridität im postkolonialen Diskurs*. Berlin: Wissenschaftlicher Verlag Berlin.
- HALL, S. (1996) When was 'the post-colonial'? Thinking at the Limit. In: CHAMBERS, I.; CURTI, L. (orgs.) *The Post-Colonial Question: Common Skies, Divided Horizons*. London, New York: Routledge.
- HETTNER, A. (1923) *Der Gang der Kulturen über die Erde*. Leipzig, Berlin: Teuber.
- HIRJI, Z. (2010) *Diversity and Pluralism in Islam. Historical and Contemporary Discourses amongst Muslims*. London, New York: I. B. Tauris Publishers.
- HOURANI, A. (1962) *Arabic thought in the liberal age 1798-1939*. Oxford u.a.: Oxford University Press.
- HOURANI, A.; RUTHVEN, M. (2010) *A History of the Arab Peoples: With a New Afterword*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- HUNTINGTON, E. (1945) *Mainsprings of civilization*. New York: Wiley.
- HUNTINGTON, S. P. (1993a) The Clash of Civilizations? *Foreign Affairs*, v. 72, n. 3, p. 22-49.
- _____. (1993b) If Not Civilizations, What? Paradigms of the Post-Cold War World. *Foreign Affairs*, v. 72, n. 5, p. 186-194.
- _____. (1996) *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*. New York: Simon & Schuster.
- HUSSEINI DE ARAÚJO, S. (2011) *Jenseits vom 'Kampf der Kulturen'. Imaginative Geographien des Eigenen und des Anderen in arabischen Printmedien*. Bielefeld: transcript.
- _____. (2014) Democracia, liberdade e direitos humanos: valores universais ou instrumentos geopolíticos de controle e poder? Uma perspectiva da mídia transregional árabe. *Anais do XIII Colóquio Internacional de Geocrítica*, Barcelona, 5-10 maio 2014. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geo-crit/coloquio2014/Sha-dia%20Hus-sei-ni%20de%20Araujo.pdf>>. Último acesso em: 27/9/2016.
- KASSAB, E. S. (2009) *Contemporary Arab thought: cultural critique in comparative perspective*. New York: Columbia University Press.
- KELLER, R. (2004) *Diskursforschung: eine Einführung für SozialwissenschaftlerInnen*. Opladen: Leske + Budrich.
- KOLB, A. (1962) *Die Geographie und die Kulturerdteile*. In: LEIDLMAIR, A. (org.) *Hermann von Wissmann-Festschrift*. Tübingen: Selbstverlag des Geographischen Ins-ti-tuts der Universität Tübingen, p. 42-50.
- LOPES, L. P. d. M.; FABRÍCIO, B. F. (2005) Discurso como Arma de guerra: um posicionamento ocidentalista na construção da alteridade. *D.E.L.T.A*, v. 21, p. 239-283.
- LUHMANN, N. (2000) *The reality of the mass media*. Stanford: Stanford University Press.
- LYOTARD, J.-F. (2009 [1979]): *Das postmoderne Wissen*. Ein Bericht. Wien: Passagen.

- Ó TUATHAIL, G.; AGNEW, J. (1992) Geopolitics and discourse: Practical geopolitical reasoning in American foreign policy. *Political Geography*, v. 11, n. 2, p. 190-204.
- Ó TUATHAIL, G.; DALBY, S. (1998) *Rethinking geopolitics*. London: Routledge.
- Ó TUATHAIL, G. (1996) *Critical Geopolitics: The Politics of Writing Global Space*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- POPPE, S.; SCHÜLLER, T.; SEILER, S. (orgs.) (2009) *9/11 als kulturelle Zäsur. Repräsentationen des 11. September 2001 in kulturellen Diskursen, Literatur und visuellen Medien*. Bielefeld: transcript.
- PORTO, C. H. d. Q. (2012) Uma Reflexão do Islã na Mídia Brasileira: Televisão e Mundo Muçulmano, 2001-2002. *Tese de Doutorado, FFLCH, USP*. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-27022013-101905/pt-br.php>>. Último acesso em: 27/9/2016.
- POWELL, K. A. (2011) Framing Islam: An Analysis of U.S. Media Coverage of Terrorism Since 9/11. *Communication Studies*, v. 62, n. 1, p. 90-112.
- REUBER, P. (2009) Geopolitics. In: KITCHIN, R.; THRIFT, N. (orgs.) *International Encyclopedia of Human Geography*, v. 4. Amsterdam: Elsevier, p. 441-452.
- REUBER, P.; STRÜVER, A. (2009) Diskursive Verräumlichungen in deutschen Printmedien: Das Beispiel Geopolitik nach 9/11. In: DÖRING, J.; THIELMANN, T. (orgs.) *Mediengeographie*. Bielefeld: transcript, p. 315-332.
- REUBER, P.; WOLKERSDORFER, G. (2004) Geopolitische Weltbilder als diskursive Konstruktionen. In: GEBHARDT, H.; KIESEL, H. (orgs.) *Weltbilder*. Heideberg, Berlin: Springer, p. 367-387.
- ROGLER, L. (2004) Die überregionale arabische Presse und ihr Beitrag zum Wertewandel in arabischen Gesellschaften. In: FAATH, S. (org.) *Politische und gesellschaftliche Debatten in Nordafrika, Nah- und Mittelost*. Inhalte, Träger, Perspektiven. Hamburg: Deutsches Orient-Institut, p. 423-447.
- ROTTER, G. (1996) Islam versus Westen. Historische Resultate und ideologischer Reflex. In: BADE, K. J. (org.) *Die multikulturelle Herausforderung. Menschen über Grenzen – Grenzen über Menschen*. München: Beck, p. 67-83.
- SAEED, A. (2007) Media, Racism and Islamophobia: The Representation of Islam and Muslims in the Media. In: *Sociology Compass*, v. 1, n. 2, 443-462.
- SAID, E. (2009 [1978]) *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SCHMITTHENNER, H. (1938) *Lebensräume im Kampf der Kulturen*. Heidelberg: Quelle & Meyer.
- SCHÖLCH, A. (2001) Der arabische Osten im neunzehnten Jahrhundert 1800-1914. In: HAARMANN, U.; HALM, H. (orgs.) *Geschichte der arabischen Welt*. München: Beck, p. 365-431.
- SEIB, P. (2005) The News Media and the "Clash of Civilizations". In: SEIB, P. (org.) *Media and Conflict in the Twenty-First Century*. New York et al.: Palgrave Macmillan.
- SHADID, W. (2005) Berichtgeving over moslims en de islam in de westerse media: Beeldvorming, oorzaken en alternatieve strategieën. *Tijdschrift voor Communicatiewetenschap* v. 33, n. 4, p. 330-346.
- SHARABI, H. (1970) *Arab intellectuals and the West. The formative years, 1875-1914*. Baltimore: John Hopkins University Press.
- SHARP, J. (2009) Critical Geopolitics. In: KITCHIN, R.; THRIFT, N. (orgs.) *International Encyclopedia of Human Geography*, v. 2. Amsterdam: Elsevier, p. 358-362.
- STEINBERGER-ELIAS, M. B. (2005) *Discursos geopolíticos da mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina*. São Paulo: FAPESP.
- STEUER, E.; WILLS, D. (2010) "The vermin have struck again": dehumanizing the enemy in post 9/11 media representations. *Media, War & Conflict*, v. 3, n. 2, p. 152-167.
- STRÜVER, A. (2008) Spatialising terrorist networks: geopolitical narratives and their representations in German print media after 9/11. In: *Tijdschrift voor Economische en Sociale Geografie*, v. 99, n. 1, p. 125-130.